

OS PRANTOS E OS BANKA
MANIFESTAÇÕES POÉTICAS SOBRE A MORTE NA LITERATURA
GALEGO-PORTUGUESA E JAPONESA *

Nahomi SODA

RESUMO A dissertação comparou um grupo de poemas associados à lamentação fúnebre, presentes na lírica galego-portuguesa da Idade Média e na literatura japonesa da antigüidade. Na parte galego-portuguesa foram escolhidos poemas produzidos nas cortes da Península Ibérica nos séculos XIII e XIV e conservados nos Cancioneiros. Na parte japonesa foram estudados os poemas que figuram em três obras, a saber, duas historiografias de caráter mítico-lendário e uma antologia lírica chamada Man'yōshū. Essas três obras japonesas foram compiladas nos séculos VII e VIII, na proximidade da corte, quando o Japão se organizava em um Estado. De início as características de cada literatura, a galego-portuguesa e a japonesa, foram examinadas em separado. Na conclusão realizei seu confronto. Embora duas manifestações líricas tratadas não tenham pertencido à mesma civilização nem ao período idêntico, o gênero de lamentação, em ambas, mostra grande similaridade. O trabalho, sobretudo, refletiu sobre a função geral do gênero de lamentação nas sociedades e períodos focalizados.

SUMMARY This work examine one group of poetry associated to funeral lamentation, existing in the middle age of Galician-Portuguese lyric and in the antiquity of Japanese literature. Some poems realized in the feudal courts during the XII and XIVth century and preserved in the collective anthologies were picked up from the Galician-Portuguese literature. From the Japanese literature, poems figured in three works, two historiography of mythical-legendary character called Kojiki e Shoki, and one lyric anthology called Manyoshu, were chosen. These three works were prepared in the VIIth and VIIIth century while Japan was being organized into State. The characteristics of chosen poems of Galician-Portuguese literature and the Japanese literature, were studied separately and then were

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 19 de dezembro de 2001, sob orientação da Prof. Dr. Haquira Osakabe.

compared. The two literature did not belong to the same civilization nor the same period and thus, no direct relationship was found. However, their funeral lamentation show a great similarity. This study might help to understand the general role of the lamentation in the focused society or period.

A dissertação consistiu na análise e comparação de poemas associados à lamentação fúnebre. O corpus do trabalho foi escolhido da lírica galego-portuguesa da Idade Média e da literatura japonesa da antigüidade. Na parte galego-portuguesa examinei poemas fúnebres criados nas cortes feudais nos séculos XII e XIII e preservados nos Cancioneiros. Na parte japonesa, foram tratadas as lamentações que figuram em três obras, a saber, duas historiografias de caráter mítico-lendário, *Kojiki* e *Shoki*, e uma antologia lírica chamada *Man'yôshû*. Essas três obras japonesas foram elaboradas nos séculos VII e VIII, quando ocorria no Japão a primeira unificação do poder político. Apesar de não pertencerem à mesma civilização nem haver entre essas duas culturas nenhum laço de interdependência, o gênero de lamentação, em ambas, revela uma grande similaridade. Na minha dissertação, porém, levando-se em conta as distancias culturais e a diferença das tradições que modelaram o tipo de composição em causa, o exame de cada cultura lírica foi desenvolvido individualmente. Foram examinados, também, seus contextos sócio-históricos e sobretudo a formação da corte, uma vez que ambas as literaturas foram cultivadas nas sociedades da corte. Esses exames ajudaram a compreender os poemas tanto em si como em relação a seu meio e, desta forma, a elucidar a natureza e funcionamento do gênero fúnebre em duas sociedades naqueles períodos históricos. Daqui para a frente, gostaria de apresentar em breves palavras os principais caracteres dos poemas fúnebres do Japão e do Ocidente, começando pela tradição do Ocidente.

Os trovadores da Península Ibérica, e seus predecessores da França do Sul, fizeram seu pranto a partir do modelo do *planctus* latino e eclesiástico, produzido pelos clérigos da Igreja quando da morte de altos prelados e príncipes (VALVERDE, 1945, p. 525). No caso do pranto trovadoresco, os homenageados eram em geral príncipes e senhores feudais, de quem os autores geralmente dependiam. Os principais motivos do pranto trovadoresco foram o anúncio da morte, o louvor do morto e a oração (VALVERDE, 1945, pp. 546-553).

No proêmio do pranto os autores convocam os ouvintes, em atitude solene, para participar do luto. Logo em seguida, passam ao louvor, que consiste em alegar a coragem, generosidade e outras qualidades do morto. Ele é considerado herói, o modelo do chefe e de combatente cristão e, além disto, o representante do ideal da instituição cavaleiresca. A morte é apresentada como um acontecimento público, desventura que acarreta a decadência do grupo. Lastimam-se, entre outras coisas, a perda de luz, de alegria e de juventude. Pode-se observar que, nessas lamentações, a morte, a princípio, não é tratada como algo independente e oposto à vida, mas, sim,

como um diluir ou dispersar de certas virtudes do morto, que traz ao grupo um inevitável enfraquecimento. O final do pranto é uma invocação a Deus, convidando-se o público e incluindo-se preces como "Amem" e "Aleluya!". Como se percebe, o pranto de trovadores é uma composição celebrativa e panegírica, que tematiza em maior parte os interesses do coletivo afetado material e moralmente pela morte do seu senhor. Há um traço constante, o de elogiar-se o morto, ao mesmo tempo em que se remete ao social, dirigindo-se diretamente aos vivos e explicando-lhes o acontecimento. Os autores de lamentações, assim, mostram-se inspirados no coletivo e preocupados com a conservação da sociedade. Há casos, porém, em que se desenvolve certa reflexão moral ou pessoal sobre a vida e a morte, como alguma consideração sobre a transitoriedade da vida terrestre. Também há a personificação da morte, neste caso sentindo-se seu caráter mais alegórico. De toda forma, os autores de lamentações não modificam o conjunto de motivos básicos e o método de sua combinação, o que lhes dá certo caráter de espetáculo. Quanto ao estilo do pranto, vê-se freqüentemente a reprodução de tom, idéias e imagens. Certo é que esse gênero de lamentação possui algo do ritual, tendendo para certas formas fixas. Mas pode-se admitir, também, que a atitude com que se apela aos ouvintes lembra uma encenação, como se os atores quisessem compartilhar o acontecimento com o público.

Passaremos à lírica do Japão. Sua composição fúnebre, denominada como *banka*, constitui um dos gêneros elementares na antologia lírica chamada *Man'yôshû*. O *Man'yôshû* é a mais antiga coletânea lírica preservada no país, sua organização remontando ao século VIII, e possui outros gêneros substanciais como o de poemas dialogado-amorosos e o de louvatório-públicos. O gênero do *banka* apresenta desigualdade e é preciso empreender sua análise distinguindo ao menos dois tipos.

O primeiro tipo de *banka* é mais individual e baseia-se nas experiências pessoais da morte, como, por exemplo, dor, dilaceramento e saudade. São poemas curtos e destinados a pessoas próximas de autores, a bem dizer, seus amados, parentes e amigos. O que impressiona é a variedade de suas expressões, pela qual cada autor afirma sua individualidade, ao mesmo tempo em que dá à sua experiência de dó um sentido único. Além disso, esses poemas do *Man'yôshû*, a despeito de sua afirmação de personalidade, atingem quase sempre uma objetividade, isto provavelmente por ter se apoiado ainda nos componentes de rituais, com facilidade e confiança, o que deve ter dado a suas expressões subjetivas um suporte coletivo. Essas homenagens curtas, dedicadas às pessoas íntimas de autores, não manifestam semelhanças notáveis com o pranto do Ocidente.

O segundo tipo de *banka*, em contraste, exprime um caráter social mais acentuado, de modo que me parece ser passível de ser comparado com o pranto do Ocidente. Trata-se de uma composição oficial, mais extensa e destinada a pessoas públicas como imperadores, seus familiares e nobres, cujos autores parecem ter sido oficiais subalternos da corte. Diferem do primeiro tipo do *banka*, como de poemas

fúnebres anteriores do país, por apresentarem um caráter mais elaborado, mais complexo e em certo sentido mais retórico. Isso ficará manifesto ao pô-los em contraste com lamentações mais arcaicas do Japão, que constam em duas obras de registro, chamadas *Kojiki* e *Shoki*.

Os *Kojiki* e *Shoki* eram obras narrativas em que se elaborou a historiografia original do país. Suas canções estão inseridas em meio às narrações de inspiração mitológica, lendária ou histórica e possuem forte cunho coletivo e oral. Nessas obras, a expressividade de canções baseava-se frequentemente na identidade emotiva do grupo. Na dissertação apresentei uma série de poemas dedicados a um príncipe lendário, Takeru, (KURANO (ed.), 1996, pp.128-129) e observei que se adaptaram gestos típicos do funeral, como o vaguear e chorar em voz alta. Embora não contenham nenhum sentimento individualizado, exprimem as tensões ou emoções provocadas pela morte. Diríamos que representam uma imagem da tristeza.

Em comparação a esses lamentos do *Kojiki* e *Shoki*, os poemas do *Man'yôshû* manifestam uma individualidade maior e mais clara e além disso, no caso do segundo tipo de *banka*, percebe-se uma elaboração mais consciente e artística, pela unidade de suas partes e pela busca de palavras e imagens adequadas. Os principais atributos desse *banka* oficial foram os seguintes: 1. lamenta a morte de soberanos, príncipes, princesas, etc., ou seja, de personagens com alguma importância pública. 2. Após uma introdução solene, muitas vezes elogia o morto, realçando o aspecto mais simbólico da sua vida, e passa à oração final. 3. Seu lamento é expresso como se representasse o de toda a coletividade. Através da análise desse segundo tipo do *banka*, pôde-se concluir que comporta uma mensagem poética mais explícita, mais pertinente à razão e que, ao mesmo tempo, provoca certa emoção estética.

A gênese deste tipo de *banka* deve ser procurada na mudança radical da sociedade japonesa, representada pela rápida estruturação do poder e pela implantação do Estado burocrático. Após terminadas guerras sociais no século VII, os nobres e os membros da classe dominante vieram se instalar na corte e a seu chefe supremo, imperador e vencedor das lutas, chegou a ser atribuído um carisma. Nesse contexto, é possível que alguns membros da corte se tornassem seu ideólogo, assumindo porpoem que dissessem respeito à vida pública e servissem como fator de identificação. Esses autores dispunham em geral de um domínio de arte relativamente maior, mas tendiam para certo formalismo, reproduzindo um certo tom e estilo, como se imitassem a atitude dos ritos. Em um *banka* analisado do poeta Kakinomoto Hitomaro (*Man'yôshû*, vol.2, no,199), aponte haver simultaneamente um realismo no relato da guerra, quebrando-se a repetição de fórmulas, a utilização de técnicas tradicionais, a manifestação de sentimentos mais propriamente líricos e, além disto, expressões categóricas e artificiais que dão solenidade à composição.

Do confronto entre as produções do Ocidente e do Japão, pude concluir o seguinte: o gênero de lamentação, quer no Ocidente quer no Japão, foi naqueles períodos uma literatura de ocasião cuja circunstância de realização estava em boa medida socialmente definida. O defunto não apenas representou o ideal do chefe,

mas também idealizou a própria convivência social. Vimos que as qualidades do morto eram sempre ponderadas do ponto de vista social, as quais deviam ser herdadas pelos seus sucessores. O autor, por sua vez, ateu-se a atrair a atenção do público para coordenar o ritual, recorrendo a um conjunto de técnicas, atitude e sensibilidade, sem contudo tentar uma grande variação, o que nos leva à impressão de formalismo. Vale realçar, porém, que esses autores de lamentações pela sua criação cumpriam até certo grau a função da ordem social, que devia sobreviver a seu senhor. De fato, quase todos os autores vistos na dissertação, que dedicaram suas lamentações a pessoas públicas, tinham um perfil profissional que se alia à sua missão poética. Daí se conclui que as imagens, fórmulas e atitudes deviam ser forjadas e empregadas de acordo com a necessidade e sensibilidade do grupo. Assim, tanto no Ocidente como no Japão, o gênero de lamentação realizada no momento da morte revela uma convivência peculiar daqueles membros da aristocracia como, também, a busca de estetização da mesma convivência. Os autores de ambas as líricas aproveitavam linguagens próximas da oralidade e, enquanto compositores do lamento, apareciam como função da coletividade social.

BIBLIOGRAFIA

- VALVERDE, J.F. (1945). "El 'Planto' en la historia y en la literatura gallega". Cuadernos de estudios gallegos, Santiago de Compostela, v. IV, pp. 511-606.
- KURANO, K. (ed.). (1996). Kojiki. Tokyo, Iwanami.